

Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@adabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Liberdade e responsabilidade

O francês Jean-Paul Sartre, o filósofo existencialista, o filósofo da liberdade, veio ao Brasil na década de 1960 e foi tema de uma crônica hilária de Nelson Rodrigues. Havia gente até no lustre para ver o célebre visitante em uma palestra. Segundo Nelson, Sartre olhava a todos com desprezo, como se dissesse: "Vocês são uns cretinos". A certa altura, alguém trouxe um balde de jabuticabas, Sartre começou a degustar as frutinhas pretas e a mirar para elas com o mesmo desdém, como se comentasse: "Vocês também são umas cretinas".

Sartre marcou profundamente o século 20 e continua marcando o século 21 com suas ideias. Dos beatniks aos punks, dos movimentos de liberação sexual aos movimentos pelos direitos da mulher. Detrás de tudo que envolve revolta do indivíduo e luta de emancipação dos tempos modernos e pós-modernos paira o fantasma de Sartre.

O que fez esse homem baixinho, míope, sempre vestido com ternos desleixados despertar o enlevo nas mulheres e parecer tão sedutor a um século povoado de tantas pessoas excepcionais? A resposta está na palavra liberdade: "Um homem não é nada se não for um contestador", escreveu o filósofo.

A Segunda Guerra Mundial escancarou o nada, o desamparo e o absurdo da

vida. É desse solo destroçado que emerge o existencialismo, movimento de revolta contra os sistemas abstratos, a hipocrisia e os grandes ideais. O existencialismo é a filosofia colada no corpo. Mesmo acuado na situação mais opressiva sempre é possível realizar um gesto que afirme a liberdade.

A filosofia da liberdade é, essencialmente, uma filosofia da ação: "O silêncio é reacionário", provocava Sartre. O sucesso ou o fracasso não interessam para a liberdade; o essencial é a escolha: "A vida de um escravo que se rebelar e morre no curso da sublevação é uma vida livre".

Essa paixão pela liberdade fez com que Sartre fosse confundido com um porra-louca pelos que não leram ou só

ouviram falar de sua obra. Mas ele escreveu um livro, sob o título *O existencialismo é um humanismo*, para refutar as críticas. Para Sartre, era exatamente o contrário do que diziam seus detratores.

Liberdade não é fazer tudo o que quiser; liberdade é assumir a responsabilidade por nossas decisões, que são sempre limitadas por circunstâncias ou situações. Nós estamos condenados a sermos livres, quer dizer, estamos condenados a sermos responsáveis por nossos atos e por toda a humanidade: "Escolher ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bom, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos".

Muitas pessoas acreditam que ao agirem só implicam nisso a si próprias, e quando se lhes diz: "e se toda a gente fizesse assim?", elas dão de ombros e respondem: "nem toda a gente faz assim". Comenta Sartre: "Ora, a verdade é que devemos perguntar-nos sempre: o que aconteceria se toda a gente fizesse o mesmo?"

Essas evocações de Sartre me vieram em face da observação de certa tendência difusa entre as novas gerações no sentido de pretenderem gozar da liberdade sem assumir a responsabilidade. O símbolo mais evidente são os black blocs, que vandalizam protegidos por máscaras. Esqueci muitas coisas que li de Sartre, mas uma frase ficou colada em meu corpo: liberdade é igual a responsabilidade.

POLÊMICA

O ocaso da boemia brasiliense

Bares e restaurantes da cidade tentam se organizar para encontrar meios de sobreviver diante da crise e das limitações da Lei do Silêncio

» RAFAEL CAMPOS

O fechamento do Balaio Café, em dezembro de 2015, acirrou ainda mais a guerra que bares e restaurantes vêm travando com o Governo do Distrito Federal (GDF) em relação à aplicação da Lei do Silêncio. Somada às restrições trazidas pelos limites sonoros estabelecidos pela regra distrital, muitos estabelecimentos ainda tiveram de enfrentar o cenário econômico desfavorável, o que resultou no fim das atividades de diversos pontos conhecidos não somente da cena boêmia de Brasília, como da gastronomia local.

Também no mês passado, o Schlöb Bar, que funcionava há 26 anos na Asa Norte e era reconhecido pelas bandas que se apresentavam por lá, fechou as portas. Além dele, várias casas tradicionais e outras mais novas tiveram de encerrar seus trabalhos, como o Legrat Bistrô, na 108 Norte; o Babel Restaurante, na 215 Sul; e o Bazzo Ristorante, na 413 Norte. "Já é difícil tocar uma casa, imagina quando se ela é vigiada e perseguida 24 horas por dia?", reclama Juliana Andrade, do Balaio Café.

Ela afirma que foi montada uma força-tarefa em 2015 com o intuito de usar seu estabelecimento como exemplo para o restante da cidade. "Quando a casa fechou em abril, eu já

sentia que não teríamos mais como seguir. Mas ainda consegui segurar até o fim do ano, com empréstimos para pagar as multas, junto dos aumentos, como de luz." Válida desde 2012, a Lei nº 4.092/2008 define que o volume provocado por atividades em área mista com vocação comercial seja de, no máximo, 65 decibéis em ambientes externos durante o dia e de 55dB durante a noite. O Projeto de Lei nº 445/2015 propõe que os limites sejam alterados para 75dB no período diurno e 70dB no noturno.

Mas não é apenas o barulho que tem trazido problemas para quem investe nesse setor. A alta dos preços em produtos e serviços também fez com que vários investimentos tivessem de mudar o foco para conseguir se manter. E, em muitos casos, o fechamento esteve no caminho para o recomeço. O chef Diego Koppe, do Babel Restaurante, fechou a casa na Asa Sul na expectativa de reabrir-la em um novo ponto na Asa Norte. A principal razão é a diferença entre os valores dos aluguéis. "Pagávamos cerca de R\$ 8 mil mensais. Na Asa Norte, podemos encontrar pontos que custam até um terço desse valor com o mesmo espaço."

De acordo com ele, custos com funcionários e ingredientes também foram os grandes vilões de quem viu o negócio acabar.

Ed Alves/CB/D.A Press



Mauro Calichman, proprietário do Feitiço Mineiro: "Querem uma capital que não ocupe vagas, que não converse embaixo dos blocos"

Breno Fortes/CB/D.A Press - 28/2/14



Juliana Andrade, proprietária do Balaio, teve que fechar as portas e acredita que a casa foi usada como exemplo

Porém, o mais grave foi mesmo a mudança de mentalidade do consumidor: ele decidiu gastar menos com restaurantes. "Trabalho no setor há 15 anos e, em momentos de crise, o cliente sempre escolhe passar a comer em casa. Ele começa a levar na quentinha, a fazer o lanche que o filho leva para a escola.

E, mesmo que não repassemos o aumento para ele, há essa mudança de atitude."

Quem se mantém na lida diária não esconde o pessimismo com o que pode acontecer em 2016. Proprietário de vários bares que são referência na boemia brasiliense, como o Feitiço Mineiro e o Armazém

do Ferreira, Mauro Calichman entende que os decibéis têm sido usados para fazer uma limpeza étnica em Brasília. "Querem uma capital que não ocupe vagas, que não converse embaixo dos blocos. Entendo a cidade atualmente como um espaço de repressão, em que os bares são tidos como um câncer."

No Feitiço, na 306 Norte, o espaço de shows teve de ser completamente fechado. No Armazém, na 202 Norte, Mário garante que o samba se tornou música de fundo e, o que antes era um local de entretenimento, se tornou uma peça decorativa. "O sábado agora é triste. Uma pessoa que acaba com a alegria de mil. Também sou morador do Plano Piloto, mas parece que me tornei um vilão." Allan Alves é proprietário do Aleatório Bar, que fica na 408 Norte, quadra que foi alvo da Operação Bares da Moda no mês passado.

Com outros empresários do local, ele montou o projeto Baixo Asa Norte, que pretende criar um modelo na relação entre bares e moradores. "É um movimento que quer discutir as regras. Estamos fazendo parcerias com empresas de transporte particular, incentivo à coleta seletiva e desenvolvendo projetos, como uma feira de orgânicos aos domingos, para a população da quadra." Para ele, a cultura é uma necessidade básica e, somente ao encontrar esse equilíbrio entre quem trabalha e quem mora no local é que Brasília poderá se livrar desse estigma barulhento.

Três perguntas para

Maurício Tocci, chef de cozinha e consultor de restaurantes

O quanto a crise econômica de 2015 foi ruim para o setor de bares e restaurantes, na sua opinião?

Logo no início do segundo semestre de 2015, a crise atingiu em cheio o setor de alimentação fora do lar, cujos dados apontam para uma retração de mercado em torno de 30%. Houve um aumento, principalmente nos últimos meses, dos custos fixos e variáveis, principalmente locação e energia.

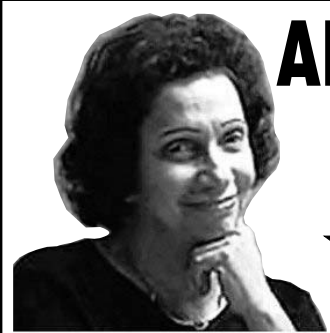
Quais são os erros mais recorrentes que levam um bar ou um restaurante a fechar?

Os erros já acontecem desde

a criação do negócio, sem um estudo de viabilidade ou um plano de negócios com projeção de ponto de equilíbrio: a venda de pratos necessários para pagar todas as despesas. Essa informação é imprescindível ao abrir um comércio. Tudo deve ser controlado através de planilhas e check-list, pois restaurantes são empresas, e empresas vêm buscar o lucro e fornecer produtos de anseio. E para garantir o lucro, deve-se ter o controle das operações, tanto no âmbito da gestão de custos, como de qualidade.

Brasília vem passando por uma fase de repressão aos bares e restaurantes que oferecem música ao vivo. Há como contornar esses problemas de relação entre os moradores das redondezas e o som que é tocado nos estabelecimentos?

Para contornar, é necessário buscar sempre se atualizar em relação às legislações, que sofrem mutações de tempos em tempos. As informações se estendem aos materiais acústicos e de isolamento. Um projeto acústico realizado por um especialista é imprescindível.



ANADYR DE MENDONÇA RODRIGUES

★ 16/03/1935

† 05/01/2016

MISSA DE 7º DIA

Ary, Patrícia, Daniela, Carolina, Jorge, Pedro, Herman, Luísa, Manuela, Bento, Davi, Diogo e Mariana agradecem as manifestações de carinho e solidariedade dos amigos e familiares, bem como o tratamento humano dado pela equipe do Hospital Sírio-Libanês, e convidam para a Missa de 7º dia a ser realizada no dia 11 de janeiro, às 18h30, na Paróquia Santo Cura D'Arns, SGAS 914, Brasília -DF.